

JUCÁ, Gabriela. Machado de Assis, tradutor de poesia:
a questão das traduções em *Americanas*.

MACHADO DE ASSIS, TRADUTOR DE POESIA: A QUESTÃO DAS TRADUÇÕES EM AMERICANAS

Gabriela Jucá¹
Universidade Federal do Espírito Santo/FAPES

Resumo: Este texto foi lido no seminário “Machado de Assis e seus textos: edição e recepção”, realizado de 27/11 a 01/12/2017 na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Nele, são passadas em revista as traduções que Machado de Assis publicou em seus quatro livros de poesias: *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Americanas* (1875) e *Ocidentais*, que apareceu nas *Poesias completas* (1901).

Palavras-chave: Tradução de poesia, Poesia brasileira, Machado de Assis

I Machado de Assis, tradutor

As atividades de tradutor de Machado de Assis começaram muito cedo. Em 1857, aos 18 anos de idade, ele traduziu do francês uma opereta, cujo título em português é *A ópera das janelas*. O texto dessa tradução não é conhecido; porém, em setembro de 1857 foi emitido, por requerimento de Machado de Assis, um parecer sobre ele (o texto traduzido) pela comissão de censura do Conservatório Dramático Brasileiro. (MASSA, 2008, p. 19; SOUSA, 1955, p. 313; *Os exames censórios do Conservatório Dramático Brasileiro: inventário analítico*, 2014, p. 179.) O original francês tampouco é conhecido.

Nesse mesmo ano, no periódico *A Marmota*, Machado de Assis publicou “A literatura durante a restauração”, tradução de obra de Lamartine. Segundo Galante de Sousa, foram traduzidas as 13 primeiras partes das 25 de que se compõe o capítulo (Livre quinzisième), do segundo tomo da *Histoire de la Restauration*. A edição consultada por ele foi a de 1851 (Paris, V. Lecou, Furne et Cie, Pagnerre, Libraires-

¹ Graduanda em Letras Português na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), sob orientação do Prof. Dr. José Américo Miranda.

JUCÁ, Gabriela. Machado de Assis, tradutor de poesia:
a questão das traduções em *Americanas*.

éditeurs) (SOUSA, 1955, p. 313); a que consultamos foi a de 1861 (Paris, Chez l’Auteur), e, nela, o “capítulo” tem 35 partes (LAMARTINE, 1861, p. 185-229).

Observe-se que, desde o início de sua carreira de escritor, o tradutor não se interessava apenas por um gênero literário. Além do teatro e do ensaio, ele traduziu poesias e obras de ficção.

Não se sabe ao certo como Machado de Assis aprendeu tão precocemente a língua francesa. Lúcia Miguel Pereira, fundada em artigo de Hemetério dos Santos, supôs que ele aprendeu o francês com o forneiro de uma padaria, que teria pertencido a uma francesa, Mme. Gallot (PEREIRA, 1988, p. 43). Mais recentemente, essa informação foi contestada por Jean-Michel Massa, que afirmou que “essa senhora [madame Gallot], seu aprendiz [o forneiro] e o estabelecimento [a padaria] não existem” (MASSA, 2009, p. 234). Segundo ele, o aprendizado do francês se deu ainda na infância, na casa da viúva do general Bento Barroso Pereira, proprietária do morro do Livramento, onde viviam os pais do escritor. Em casa dela, o pesquisador assegura que, com toda certeza, falava-se o francês (além do português, evidentemente). Antes, porém, de Jean-Michel Massa, como ele próprio o reconhece, Raimundo Magalhães Júnior já identificara em Machado de Assis um escritor bilíngue, característica que, do ponto de vista intelectual, o inseria coerentemente num ambiente (o carioca) em que “a invasão francesa estava consumada” (MAGALHÃES JÚNIOR, 1957, 125). Sobre os esforços do escritor para se educar, escreveu este pesquisador:

Mestre de si mesmo, dominado por uma sede insaciável de saber, que o levaria sucessivamente ao estudo do inglês, do alemão e do grego, sem esquecer o latim que lhe vinha dos tempos de sacristão, adquirira, ampliara e aperfeiçoara seus conhecimentos de língua francesa através de um laborioso e heroico didatismo. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1957, p. 130)

O francês, profundamente conhecido por ele, serviu-lhe como língua intermediária para suas traduções de outras línguas, das quais também tinha conhecimento, como o inglês e o alemão, ou das que não tinha conhecimento algum, como o polonês, o chinês e a língua muskoguee, falada pelos índios creeks, habitantes do sudeste da América do Norte até meados do século XIX (GLEDSON, 1998, p. 9). Essa tribo indígena, Machado de Assis a chama de “tribo dos Mulcogulges” (ASSIS, 1875, p. 207), ao passo que Chateaubriand, de cuja tradução o escritor brasileiro se valeu, chama

JUCÁ, Gabriela. Machado de Assis, tradutor de poesia:
a questão das traduções em *Americanas*.

esses índios de “Muscogulges” (CHATEAUBRIAND, 1857, p. 198). Chateaubriand explica que os “Creeks” são uma confederação “des Muscogulges, des Siminoles et des Chéroquois” (CHATEAUBRIAND, 1857, p. 77).

As traduções de textos dessas línguas, especialmente as traduções de poesia, mesmo quando feitas a partir das versões francesas, não ofuscam o tradutor; elas expandiram o seu interesse para outros territórios e outras culturas, conduzindo-o para além do universo cultural e literário francês, com isso drenando para nossas letras uma contribuição variada. Esse interesse, que teve início na atividade tradutória do escritor, resultaria, na maturidade, no âmbito de sua obra ficcional, na elevação da arte literária brasileira a um patamar que ela nunca antes havia alcançado – o que lhe assegurou, na posteridade, o prestígio de ter sua obra equiparada à de escritores como Jorge Luís Borges e Gabriel Garcia Marques e de ter seu nome inscrito no “cânone ocidental” (MOREIRA, 2006, p. 96-107; “Machado iniciou pedigree sul-americano”, in: *Folha de S.Paulo*, 12 jul. 2005). Conforme afirma Sonia Netto Salomão, “Machado de Assis é parte do cânone ocidental, hoje” (SALOMÃO, 2016, p. 10).

Sobre o papel que o acesso a outros mundos e outras culturas desempenhou na vida e na obra de Machado de Assis, escreveu Raimundo Magalhães Júnior:

Na sua condição de mestiço, atormentado pela doença, recalcado pela origem humilde e pela pobreza que lhe marcou duramente a infância e a adolescência, Machado de Assis por vezes tinha sonhos líricos, ilusões amenas, – e nestas horas de fraqueza se via admitido no convívio dos seus escritores favoritos, transportado para um mundo ideal. Nesses momentos felizes e ilusórios, era como se fosse um “espírito francês” [...]. (MAGALHÃES JÚNIOR, 1957, p. 140)

Impossível não ver nisso, nessa capacidade de sair de si sem sair do lugar, uma das origens da teoria machadiana da arte, expressa por ele em muitos versos, mas, principalmente, nos versos iniciais de seu primeiro livro de poesias – de um poema intitulado muito a propósito “Musa consolatrix”:

Que a mão do tempo e o hálito dos homens
Murchem a flor das ilusões da vida,
Musa consoladora,
É no teu seio amigo e sossegado
Que o poeta respira o suave sono.
(ASSIS, 1976, p. 129)

JUCÁ, Gabriela. Machado de Assis, tradutor de poesia:
a questão das traduções em *Americanas*.

Essa filosofia acompanhou o poeta por toda a vida. Pode-se constatar isso facilmente nas cartas que trocou com seus amigos na velhice, principalmente as que escreveu a Magalhães de Azeredo e a Mário de Alencar. Ao primeiro, escreveu ele, em 1895:

Um pouco de melancolia, ou muito que seja, traz inspiração: veja Lamartine e Musset. Mas “essa melancolia profunda, angustiosa, infernal, que ultimamente o oprime, e para tudo o inutiliza”, isso não pode ser senão doença, contra a qual vale mais a higiene que os medicamentos. Não se importe de não ser alegre; também eu o não sou, ainda que pareça menos triste. Mas há em tudo um limite. Sacuda de si esse mal. A arte é um bom refúgio; perdoe a banalidade do dito em favor da verdade eterna. (ASSIS, 1969, p. 59)

E ao segundo (Mário de Alencar):

O mal estar de espírito a que se refere não se corrige por vontade, nem há conselho que o remova, creio; mas, se um enfermo pode mostrar a outro o espelho do seu próprio mal conseguirá alguma coisa. Também eu tenho desses estados de alma e cá os venço como posso, sem animações de esposa [d. Carolina já havia morrido] nem risos de filhos. Veja se exclui todo o presente, passado e futuro, e fixe um só tempo que compreenda os três: *Prometeu* [Mário de Alencar fazia anotações, àquela época, para a composição de um poema sobre esse tema]. A arte é o remédio e o melhor deles. (ASSIS, 2015, v. 3, p. 1379)

E, numa outra carta (a Mário de Alencar), escreveu: “busque o remédio na Arte” (ASSIS, 2015, v. 3, p. 1380).

Como se vê, as aventuras de tradutor abriram muitos caminhos, tanto literários como existenciais, a Machado de Assis. Foi nas traduções que ele experimentou, digamos assim, aquela espécie de tempo fora do tempo, aquele tempo que, ao mesmo tempo, excluía o presente, o passado e o futuro, e que os compreendia, e os abarcava, aos três – o tempo da criação artística, o tempo das obras de arte.

Ainda sobre as atividades de tradutor de Machado de Assis, o primeiro livro publicado com seu nome era uma tradução: *Queda que as mulheres têm para os tolos* (1861). Essa obra passou, durante muito tempo, por obra original de Machado de Assis. Jean-Michel Massa foi o responsável pela identificação do original francês traduzido pelo autor brasileiro (MASSA, 2008, p. 25-26).

JUCÁ, Gabriela. Machado de Assis, tradutor de poesia:
a questão das traduções em *Americanas*.

Entre as obras em prosa traduzidas por Machado de Assis, deve-se destacar *Os trabalhadores do mar*, de Vítor Hugo.

As primeiras traduções, Machado de Assis as fazia para atender a demandas, seja demanda feita por jornais (romances para publicar em folhetim), seja demanda por empresários teatrais (peças de teatro para serem levadas ao palco – onde o teatro francês fazia muito sucesso). Jean-Michel Massa chama essas primeiras traduções de “alimentares”, porque eram feitas em troca de dinheiro (para sobreviver) (MASSA, 2008, p. 57). Esses primeiros exercícios permitiram ao tradutor adquirir maior domínio da língua estrangeira e, também, adquirir destreza no ofício de tradutor.

Quando começou a traduzir poesia, os textos escolhidos por Machado de Assis (para traduzir) não atendiam a nenhuma demanda, eram uma escolha dele mesmo. A essas traduções, Jean-Michel Massa chamou de “afinidades eletivas”, porque o tradutor escolhia, para traduzir, poetas e poemas de sua preferência (MASSA, 2008, p. 70-80).

Mais tarde, já escritor maduro, Jean-Michel Massa considera que a atividade de tradutor passou a ser uma atividade de escritor, passou a confundir-se com a sua atividade de criador literário. “Traduzir é escrever” (MASSA, 2008, p. 80).

II Traduções nas *Poesias completas*, de Machado de Assis

Por “poesias completas”, aqui, entenda-se o volume publicado em 1901 por Machado de Assis, em que ele reuniu sua obra poética publicada anteriormente e no qual incluiu um quarto livro, a que deu o título de “Ocidentais”. Grande parte da produção poética do autor não foi incluída nessa obra, permanecendo, em sua maior parte, dispersa nos periódicos em que haviam sido divulgadas.

Todos os livros de poesias publicados por Machado de Assis continham, em suas primeiras edições, poesias traduzidas por ele. Entretanto, ao publicar as *Poesias completas*, em 1901, ele suprimiu parte das traduções presentes em seus três livros anteriores (*Crisálidas*, *Falenas* e *Americanas*) – além de ter suprimido, também, poemas de sua autoria.

No primeiro livro de poesias publicado por Machado de Assis, intitulado *Crisálidas*, havia seis poemas traduzidos. Desses seis poemas, quatro eram de poetas franceses: Alfred de Musset, André Chénier, Alexandre Dumas Filho e Madame Émile de Girardin. Os outros dois eram: um de um polonês (Mickiewicz) e outro de um

alemão (Heinrich Heine). Machado de Assis não conhecia nem a língua polonesa, nem a alemã – embora mais tarde ele tenha estudado alemão. Esses dois poemas de línguas desconhecidas por ele foram traduzidos do francês (ou seja, de traduções francesas). O poema de Heine, intitulado “As ondinas”, foi escrito originalmente em alemão e em versos. A tradução francesa, no entanto, era em prosa. Machado de Assis, ao traduzi-lo para o português, fez isso em versos.

Os críticos literários da época em que Machado de Assis publicou *Crisálidas* implicaram com o autor pela admiração que ele demonstrava pela poesia de outras nacionalidades. Talvez por causa disso, quando preparou esse livro para sua segunda edição, nas *Poesias completas*, em 1901, Machado de Assis retirou do livro todas essas poesias traduzidas. O resultado disso foi este: o único livro de poesias de Machado de Assis que não contém traduções é o livro *Crisálidas* em sua versão definitiva. Em todos os outros três livros, conforme veremos, há poesias traduzidas.

Falenas (1870) era um livro dividido em quatro partes: “Vária”, “Lira chinesa”, “Uma ode de Anacreonte” e “Pálida Elvira”.

Na primeira parte de *Falenas* havia, na primeira edição dessa obra (1870), cinco traduções. Dessas cinco, ele eliminou quatro, deixando no livro apenas uma tradução do poeta francês Lamartine. Esse poema de Lamartine, intitulado “A Elvira”, tem muitas semelhanças com os poemas do próprio Machado de Assis. Isso mostra o acerto de Jean-Michel Massa, quando ele deu o nome de “afinidades eletivas” às traduções de poesia feitas nessa época por Machado de Assis.

Os quatro poemas eliminados da primeira parte de *Falenas* eram: um poema do poeta alemão Schiller (traduzido de uma versão francesa em prosa), um fragmento de Shakespeare (“A morte de Ofélia”), um poema de Alexandre Dumas Filho e um poema de Bouilhet (poetas franceses).

A “Lira chinesa” era composta por oito poemas traduzidos de versões francesas em prosa (feitas por Judith Walter, filha do poeta Théophile Gautier) – todos os oito poemas foram conservados nas *Poesias completas*.

A terceira parte de *Falenas*, “Uma ode de Anacreonte”, é um poema dramático, ou seja, uma peça de teatro escrita em versos. Nessa peça de teatro, Machado utilizou uma pequena tradução de Antônio Feliciano de Castilho, poeta português pelo qual ele

JUCÁ, Gabriela. Machado de Assis, tradutor de poesia:
a questão das traduções em *Americanas*.

tinha grande admiração. O poema original era de Anacreonte, poeta grego do século V antes de Cristo.

O poema traduzido (embora não seja uma tradução de Machado de Assis) desempenha um papel fundamental no enredo da peça. Veja-se o pequeno poema de Anacreonte:

Fez-se Níobe em pedra e Filomela em pássaro.
Assim
Folgaria eu também me transformasse Júpiter
A mim.
Quisera ser o espelho em que o teu rosto mágico
Sorri;
A túnica feliz que sempre se está próxima
De ti;
O banho de cristal que esse teu corpo cândido
Contém;
O aroma de teu uso e donde eflúvios mágicos
Provêm;
Depois esse listão que de teu seio túrgido
Faz dois;
Depois do teu pescoço o rosicler de pérolas;
Depois...
Depois, ao ver-te assim, única e tão sem êmulas
Qual és,
Até quisera ser teu calçado, e pisassem-me
Teus pés.
(CASTILHO. Apud: ASSIS, 1976, p. 275-276)

Na peça de teatro, há dois personagens masculinos, um poeta jovem e pobre, e um comerciante já de certa idade e rico. Ambos competem pelo amor de uma mulher, que se chama Mirto. Essa mulher é que lê o poema de Anacreonte, a certa altura da peça. Depois que ela o lê, o jovem poeta lhe diz que as palavras de Anacreonte expressam justamente tudo o que ele queria ser para ela. Ele queria ser o espelho no qual ela se olha, a túnica que ela veste, a água de seu banho, o perfume que ela usa, a faixa de tecido que lhe passa entre os seios, o colar de pérolas, e, por fim, ele queria ser o calçado que ela pisa. Como se vê, o jovem usa as imagens do poema para tentar seduzi-la. Quando o comerciante entra em cena, e o jovem sai, tendo ele ouvido o que o jovem tinha dito, ele (o comerciante) diz a ela, em tom mais prático, que, sendo rico, ele pode dar a ela o melhor espelho do mundo, os melhores tecidos para as túnicas, os melhores banhos, os mais caros perfumes, as joias mais raras e os melhores calçados.

JUCÁ, Gabriela. Machado de Assis, tradutor de poesia:
a questão das traduções em *Americanas*.

Ele critica o idealismo do jovem poeta. A mulher, tendo de escolher um deles, fica, evidentemente, com o mais rico.

A quarta parte de *Falenas*, “Pálida Elvira”, não continha traduções.

A questão das traduções em *Americanas* será abordada adiante.

Por fim, em *Ocidentais* há quatro traduções: “O corvo”, de Edgar Allan Poe; “*To be or not to be*”, monólogo de Hamlet, de Shakespeare; “Os animais iscados da peste”, de La Fontaine; e “Dante” – tradução do canto XXV do Inferno da *Divina comédia*. São essas as traduções mais famosas e conhecidas de Machado de Assis.

III A questão das traduções em *Americanas*

Comumente, quando se fala em tradução, fala-se em interpretação daquilo que é dito numa língua por meio de palavras de uma outra língua. Esse tipo de tradução foi chamado pelo linguista Roman Jakobson de “tradução interlingual”. Seria isso o que se entende, em geral, por tradução. Esse mesmo autor menciona, também, dois outros tipos de tradução: a “tradução intralingual”, que consiste na tradução de signos verbais por meio de outros signos da mesma língua; e a “tradução intersemiótica”, que consiste na tradução de signos verbais para outras linguagens não verbais (por exemplo: fazer um filme a partir de um romance) (JAKOBSON, 1973, p. 63-64).

No terceiro livro de poesias de Machado de Assis, *Americanas* (1875), havia uma poesia dos índios norte-americanos, que ele traduziu de uma versão em prosa do escritor francês Chateaubriand. Essa tradução foi retirada do livro quando Machado de Assis o preparou para a segunda edição, nas *Poesias completas*, em 1901. Aparentemente o livro, em sua versão definitiva, ficou sem nenhuma tradução. Mas isso é só aparência.

Num dos poemas do livro, “A cristã-nova”, há uma tradução (em versos) do salmo n. 136(137). É um salmo famoso, que começa assim: “Junto dos rios de Babilônia, ali nos assentamos e pusemos a chorar: lembrando-nos de Sião” (A BÍBLIA sagrada, 1867, p. 542). Não se tem notícia do original, que deu origem à tradução machadiana, mas pode muito bem ter sido um original em língua portuguesa. Esse é um salmo de tradição literária forte: foi glosado por Camões, nas redondilhas de “Sôbolos rios”; foi parafraseado por d. Francisco Manuel de Melo, assim como por muitos outros poetas daquele tempo (SALTARELLI, 2008, p. 132-137); e foi posto em versos

JUCÁ, Gabriela. Machado de Assis, tradutor de poesia:
a questão das traduções em *Americanas*.

espanhóis por Lope de Vega, de onde o traduziu para o português o poeta Gonçalves Dias (DIAS, 1959, p. 668-670).

Os poemas desse livro (*Americanas*) têm em comum o fato de tratarem de assuntos relacionados ao Brasil. Muitos deles foram inspirados em textos em prosa do período colonial. O segundo poema do livro, por exemplo, intitulado “Niâni”, baseia-se num relato em prosa feito por Francisco Rodrigues Prado. Esse relato sobre os índios guaicurus foi publicado no primeiro número da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, em 1839 (PRADO, 1839, p. 21-44). Ao transformar esse relato, escrito em prosa, num poema de ritmo encantatório, o poeta realizou uma excelente tradução intralingual. Ao fazê-lo, Machado de Assis demonstrou aquilo que J. Mattoso Câmara Jr. buscou confirmar na tradução de “O corvo”, de Edgar Allan Poe, ou seja, que ele [Machado] possuía

os predicados essenciais da expressão poética: a capacidade de sugestão encantatória e a percepção, por assim dizer, sensual dos elementos fônicos da linguagem, cuja presença são os elementos *sine qua non* da verdadeira poesia. (CÂMARA Jr., 1962, p. 111)

Assim, não se pode dizer que não há traduções na versão definitiva de *Americanas*.

Veja-se o que o poeta fez com a história do episódio narrado em prosa na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*:

I

Contam-se histórias antigas
Pelas terras de além-mar,
De moças e de princesas,
Que amor fazia matar.

Mas amor que entranha n'alma
E a vida sói acabar,
Amor é de todo o clima,
Bem como a luz, como o ar.

Morrem dele nas florestas
Aonde habita o jaguar,
Nas margens dos grandes rios
Que levam troncos ao mar.

JUCÁ, Gabriela. Machado de Assis, tradutor de poesia:
a questão das traduções em *Americanas*.

Agora direi um caso
De muito penalizar,
Tão triste como os que contam
Pelas terras de além-mar.
(ASSIS, 1976, p. 370-371)

O poema narra a história de uma índia guaicuru (Niâni é o nome dela), que morre de desgosto, depois de abandonada pelo marido. Veja-se este trecho em prosa, que narra o recebimento da notícia de que seu marido se casara com outra índia: “Assim se passaram três meses, quando um dia, estando deitada na sua rústica cama, lhe deram a notícia que seu desleal marido se tinha casado com uma rapariga de menor esfera.”

E veja-se o resultado da tradução poética; veja-se como a força da poesia transfigura o episódio:

Um dia, – era sobretarde,
Ia-se o sol a afundar;
Calumbi cerrava as folhas
Para melhor as guardar.

Vem cavaleiro de longe
E à porta vai apear,
Traz o rosto carregado,
Como noite sem luar.

Chega-se à pobre moça
E assim começa a falar:
“– Guaicuru dói-lhe no peito
Tristeza de envergonhar.

“Esposo que te há fugido
Hoje se vai a casar;
Noiva não é de alto sangue,
Porém de sangue vulgar.”
(ASSIS, 1976, p. 375-376)

Esse poema é tão interessante, que vamos ler também as estrofes finais dele. Depois de receber a notícia da traição do marido, envergonhada e abandonada, a personagem Niâni adoece e morre. Vejamos os versos em que isso é narrado:

Longo tempo ali ficara,
Sem se mover nem falar;
Os que a veem naquela mágoa
Nem ousam de a consolar.

JUCÁ, Gabriela. Machado de Assis, tradutor de poesia:
a questão das traduções em *Americanas*.

Depois um longo suspiro,
E ia a moça a expirar...
O sol de todo morria
E enegrecia-se o ar.

Pintam-na de vivas cores,
E lhe lançam um colar;
Em fina esteira de junco
Logo a vão amortalhar.

O triste pai suspirando
Nos braços a vai tomar,
Deita-a sobre o seu cavalo
E a leva para enterrar.

Na terra em que dorme agora
Justo lhe era descansar,
Quem pagou foro da vida
Com muito e muito penar.

Que assim se morre de amores
Aonde habita o jaguar,
Como as princesas morriam
Pelas terras de além-mar.

(ASSIS, 1976, p. 376-377)

Assim termina o poema. Soa estranha, para um leitor que não conhece os costumes daqueles índios, a passagem em que a morta é enfeitada, pintada e decorada com joias, para depois ser levada sobre um cavalo para ser enterrada. Mas veja-se como eram os costumes desses índios, narrados por Francisco Rodrigues Prado, que os conheceu de perto:

Quando morre alguma moça rica, pintam-na como se estivesse viva, botam-lhe contas nos pulsos e nas pernas, chapas e canudos de prata no pescoço. Envolvem-na toda em um pano pintado com conchas, e depois a cobrem com uma esteira fina, e assim a leva a cavalo um dos parentes até o cemitério geral [...]. (PRADO, 1839, p. 29)

É legítimo que se considere tal transposição de um episódio narrado em prosa para o plano da poesia como uma “tradução intralingual”. Machado de Assis, como vimos, estava já habituado a traduzir em versos textos que em outra língua eram prosa. Portanto, a mensagem na outra língua era compreendida e posta pelo poeta em outra forma, geralmente inventada por ele – e sempre versificada. Do mesmo modo, ele leu e compreendeu a mensagem escrita em prosa e em português; e inventou para ela uma

JUCÁ, Gabriela. Machado de Assis, tradutor de poesia:
a questão das traduções em *Americanas*.

forma poética, para a qual a traduziu – ou seja, na qual ele pôs (ou depositou) as mesmas ideias contidas no texto em prosa.

Referências

A *BÍBLIA sagrada*. Traduzida em português segundo a Vulgata Latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Lisboa: Tipografia Universal de Thomaz Quintino Antunes, 1867.

ABRAMO, Claudio Weber. *O corvo: gênese, referências e traduções do poema de Edgar Allan Poe*. São Paulo: Hedra, 2011.

ANDRADE, Mário de. “Última jornada” – II. In: *Vida literária*. Pesquisa, estabelecimento de texto, introdução e notas de Sonia Sachs. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 59-64.

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1870.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Edição crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. São Paulo: Nova Aguilar, 2015. v. 3.

BARROSO, Ivo. (Org.) “*O corvo*” e suas traduções. 2. ed. aumentada. Rio de Janeiro: Lacerda, 2000.

BERMAN, Antoine. *A tradução e a letra: ou o albergue do longínquo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

CÂMARA Jr., J. Mattoso. Machado de Assis e “O corvo” de Edgar Poe. In: *Ensaio machadiano* (Língua e estilo). Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962. p.109-124.

CHATEAUBRIAND. *Voyage en Amérique*. Paris: Gabriel Roux, 1857.

DUMAS FILS, Alexandre. *Péchés de jeunesse*. Paris: Fellens et Dufour, 1847.

DIAS, Gonçalves. *Poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

GLEDSON, John. De Lamartine a La Fontaine: As traduções poéticas de Machado de Assis. In: GLEDSON, John. (Org.) *Machado de Assis & confrades de versos*. São Paulo: minden, 1998. p. 7-10.

JUCÁ, Gabriela. Machado de Assis, tradutor de poesia:
a questão das traduções em *Americanas*.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e poética*. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 63-72.

LAMARTINE. *Histoire de la Restauration II*. Paris: Chez l'Auteur, 1861. [Oeuvres complètes de Lamartine publiées et inédites, tome dix-huitième.]

LEÃO, Múcio. "O corvo", de Edgar Poe. *Autores e Livros*, Rio de Janeiro, v. IX, n. 2, p. 21-22, 20 jun. 1948.

MACHADO iniciou pedigree sul-americano. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 12 jul. 2005. Ilustrada. Disponível em: <
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1207200525.htm> >. Acesso em: 12 out. 2017.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. O bilinguismo de Machado de Assis. In: *Machado de Assis desconhecido*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957. p. 122-140.

MASSA, Jean-Michel. A França que nos legou Machado de Assis. In: ANTUNES, Benedito, MOTTA, Sérgio Vicente. (Orgs.) *Machado de Assis e a crítica internacional*. São Paulo: Unesp, 2009. p. 231-265.

MOREIRA, Paulo. O lugar de Machado de Assis na república mundial das Letras. *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, n. 4, p. 96-107, dez. 2009.

OS EXAMES censórios do Conservatório Dramático Brasileiro: inventário analítico. Organização e indexação, Valéria Pinto Lemos; inventário, Alexandra Almada de Oliveira, Gabriela de Chevalier, Quézia Junia de Moraes Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

PAES, José Paulo. Sobre a tradução de poesia. In: _____. *Tradução: a ponte necessária* (aspectos e problemas da arte de traduzir). São Paulo: Ática, 1990. p. 33-48.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis* (Ensaio crítico e biográfico). 6 ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

PRADO, Francisco Rodrigues. História dos índios cavaleiros ou da nação Guaicuru. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. I, n.1, p. 21-44, 1º trim. 1839. [Terceira edição. Tomo I. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.]

SALOMÃO, Sonia Netto. *Machado de Assis e o cânone ocidental: itinerários de leitura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016.

SALTARELLI, Thiago César Viana Lopes. *As poéticas seiscentistas e a obra de Dom Francisco Manuel de Melo*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais/Faculdade de Letras, 2008. [Dissertação de mestrado] Disponível em: <
<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp110576.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2017.

JUCÁ, Gabriela. Machado de Assis, tradutor de poesia:
a questão das traduções em *Americanas*.

SCHNAIDERMAN, Boris. Púchkin, tradutor de Gonzaga. In: *Projeções: Rússia/Brasil/Itália*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 37-41.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.